

ESCRITA DO SINTOMA NA HIPERCONNECTIVIDADE: DO MAL-ESTAR COLETIVO À LETRA DO SUJEITO

Antonia Cristiana Soares Apolônio Andrade

Psicanalista. Especialização em Psicanálise (FAEPI). Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí(UFPI), Especialização em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Atenas Maranhense (FAMA), graduada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão , 2002(UESPI). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura. É especialista em Administração, Supervisão e Orientação escolar, pelo Centro de ensino Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI).

Artigo de revisão apresentado como requisito parcial à conclusão da Formação e Pós-graduação em Psicanálise – Faculdade de Educação do Piauí / Escola Freudiana de Psicanálise de Teresina

RESUMO

O presente artigo analisa as reconfigurações do sofrimento psíquico na contemporaneidade a partir do fenômeno da hiperconectividade. Discute-se como a aceleração tecnológica e o imperativo de gozo das redes digitais atualizam o conceito freudiano de mal-estar na cultura. Frente à fragmentação dos laços sociais provocada pela virtualidade, investiga-se o estatuto do sintoma e a função da escrita como possibilidade de amarração e inscrição da letra do sujeito. A partir das contribuições de Freud, Lacan e das discussões sobre "Escrita e Psicanálise", conclui-se que o texto analítico opera como uma topologia capaz de contornar o vazio do real, permitindo que o sujeito desloque o circuito pulsional mortífero do algoritmo para a emergência de uma escrita singular e inventiva de si. A pesquisa, de natureza bibliográfica, fundamenta-se em obras centrais da psicanálise freudiano-lacaniana e em estudos contemporâneos sobre subjetividade e tecnologia, articulando teoria e clínica para evidenciar que a escrita singularizada representa um contraponto ético e subjetivo ao imperativo do gozo tecnológico.

Palavras-chave: Psicanálise. Hiperconectividade. Mal-Estar. Sintoma. Escrita.

ABSTRACT

This article analyzes the reconfigurations of psychic suffering in contemporary times based on the phenomenon of hyperconnectivity. It discusses how technological acceleration and the imperative of jouissance in digital networks update the Freudian concept of malaise in culture. Faced with the fragmentation of social bonds caused by virtuality, the status of the symptom and the function of writing as a possibility of anchoring and inscribing the subject's letter are investigated. Drawing on contributions from Freud, Lacan, and discussions on "Writing and Psychoanalysis," it is concluded that analytic writing operates as a topology capable of

circumventing the void of the real, allowing the subject to displace the deadly drive circuit of the algorithm toward the emergence of a singular and inventive self-writing. The research, bibliographic in nature, is grounded in central works of Freudian-Lacanian psychoanalysis and contemporary studies on subjectivity and technology, articulating theory and clinical practice to demonstrate that singularized writing represents an ethical and subjective counterpoint to the imperative of technological jouissance.

Keywords: Psychoanalysis. Hyperconnectivity. Malaise. Symptom. Writing.

1 INTRODUÇÃO

Em "O Mal-Estar na Cultura" (1930), Sigmund Freud apontou de forma seminal que as exigências civilizatórias impõem uma renúncia pulsional intransigente, gerando um resíduo insolúvel de angústia. No cenário contemporâneo do século XXI, essa dinâmica se reconfigura de maneira drástica. A civilização já não opera predominantemente sob a égide da interdição e da repressão vitoriana; pelo contrário, o laço social atual é comandado pelo imperativo da performance, da transparência absoluta e do consumo digital ininterrupto. A hiperconectividade surge, assim, não apenas como uma facilidade técnica, mas como uma engrenagem que altera profundamente as coordenadas subjetivas do indivíduo contemporâneo.

A passagem do mal-estar clássico para o sofrimento hiperconectado expõe o sujeito a um fluxo incessante de estímulos que satura o campo do Outro. Diante do bombardeio de telas, curtidas e algoritmos que mimetizam demandas de reconhecimento, o psiquismo depara-se com o apagamento do tempo de compreender, restando-lhe apenas o instante do ver e o ato de consumir. O sintoma contemporâneo frequentemente se manifesta de forma difusa: ansiedades generalizadas, pânico silencioso, quadros de esgotamento (burnouts) e episódios de isolamento radical, como o fenômeno do retraimento social.

Frente a esse cenário de dispersão virtual, emerge a centralidade da clínica e do estatuto do registro escrito. A presente pesquisa propõe-se a investigar: como a psicanálise pode oferecer suporte clínico e teórico diante de sintomas capturados pela lógica da rede? A hipótese central aponta que a escrita, em sua dimensão de registro e de "letra" na acepção lacaniana, funciona como um contra-dispositivo à velocidade do algoritmo, permitindo que o sujeito dê contorno ao

real não simbolizável de seu sofrimento.

A relevância deste estudo justifica-se pela crescente demanda clínica de sujeitos cujo sofrimento psíquico encontra-se profundamente entrelaçado com o uso compulsivo de tecnologias digitais. Compreender o estatuto do sintoma neste contexto é condição fundamental para que a prática psicanalítica possa oferecer uma escuta eficaz e eticamente orientada, capaz de fazer frente aos desafios impostos pela contemporaneidade hiperconectada.

2 METODOLOGIA

O presente artigo foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, modalidade que consiste na análise crítica e aprofundada de publicações já existentes sobre determinado tema, com o objetivo de sistematizar, comparar e discutir o conhecimento produzido. A escolha por esta modalidade é coerente com a natureza da investigação psicanalítica, cujo método privilegia a articulação teórico-clínica a partir de conceitos fundamentais transmitidos por meio de obras e seminários.

O levantamento bibliográfico concentrou-se em obras centrais da psicanálise freudiano-lacaniana, com especial atenção às formulações de Sigmund Freud acerca do mal-estar na cultura e do conceito de pulsão de morte, e às elaborações de Jacques Lacan sobre o estatuto da letra, o conceito de gozo, o objeto "a" e o Sinthome. Foram também consultadas obras organizadas por pesquisadoras contemporâneas que articulam escrita e psicanálise, além de textos que abordam as transformações subjetivas decorrentes da sociedade digital.

As fontes primárias incluem: "O Mal-Estar na Cultura" (Freud, 1930/2010), "Além do Princípio do Prazer" (Freud, 1920/2016), "O Seminário, Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise" (Lacan, 1964/2008), "O Seminário, Livro 23: O Sinthoma" (Lacan, 1975-1976/2007) e "Lituraterra" (Lacan, 1971/2003). Como fonte secundária de referência fundamental, destaca-se a coletânea "Escrita e Psicanálise", organizada por Ana Costa e Doris Rinaldi (2011).

O procedimento metodológico adotado foi a leitura sistemática e comentada das fontes selecionadas, seguida da articulação dos conceitos psicanalíticos com a problemática clínica da hiperconectividade. A análise não tem pretensão de exaustividade empírica, mas de rigor conceitual, buscando estabelecer nexos lógicos entre a teoria psicanalítica e os fenômenos de sofrimento contemporâneos a partir do referencial da clínica. O período de produção da pesquisa compreende os anos de 2024 e 2025.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 O MAL-ESTAR NA ERA DO ALGORITMO: O IMPERATIVO DO GOZO TECNOLÓGICO

Para compreender o impacto da hiperconectividade, faz-se necessário retornar à tese freudiana de que a técnica e a ciência operam como próteses que tentam mitigar o desamparo estrutural humano. Em "O Mal-Estar na Cultura", Freud (1930/2010) advertia que o homem se transformou em uma espécie de "deus prótese", cujos membros artificiais lhe conferem poderes extraordinários, mas não lhe garantem a felicidade. A tecnologia digital amplifica essa condição de maneira exponencial, instaurando uma nova modalidade de mal-estar que não deriva mais da renúncia pulsional imposta pela civilização, mas, paradoxalmente, do próprio imperativo ao gozo irrestrito.

A conexão contínua gera a ilusão de uma completude narcísica e do esbatimento das distâncias geográficas e temporais. O sujeito contemporâneo experimenta a sensação de estar em toda parte ao mesmo tempo, alimentado por uma corrente ininterrupta de informações, estímulos e demandas de resposta. No entanto, o que se observa na clínica psicanalítica é o reverso dessa utopia tecnológica: uma pane na barreira de proteção contra estímulos, que Freud (1920/2016) denominava *Reizschutz*. O aparelho psíquico, concebido para processar e ligar energias de forma regulada, encontra-se sobrecarregado por um fluxo que não cessa.

Sob a ótica de Jacques Lacan, a contemporaneidade é marcada pelo declínio da função do Nome-

do-Pai e pela consequente ascensão dos objetos de consumo à categoria de fetiches de gozo — os chamados objetos "a" produzidos pela ciência (LACAN, 2008). O smartphone opera como esse fragmento do objeto "a" portátil, que promete obturar a falta constitutiva do sujeito. Nas redes sociais, a lógica do mais-de-gozar é incessante. O sujeito é intimado a expor sua intimidade, transformando o eu em uma mercadoria a ser avaliada empiricamente pelo número de interações, curtidas e compartilhamentos.

Esse imperativo de visibilidade anula a dimensão do enigma e do segredo, cruciais para a constituição do inconsciente. O laço social virtual, paradoxalmente, promove um profundo isolamento monádico: os sujeitos conectam-se às telas, mas desconectam-se da alteridade radical do Outro, gerando formas de adoecimento marcadas pelo excesso e não pela falta. Ansiedade generalizada, síndrome de burnout, depressão e fenômenos de retraimento social como o hikikomori — isolamento voluntário extremo documentado inicialmente no Japão e hoje disseminado globalmente — constituem expressões clínicas desse novo mal-estar.

3.2 O ESTATUTO DA ESCRITA NA PSICANÁLISE E A INSCRIÇÃO DO SINTOMA

Se o ambiente digital empurra o sujeito para o imediatismo da imagem e da reação instantânea, a psicanálise convoca uma temporalidade distinta por meio da palavra e de seus efeitos de escrita. No livro "Escrita e Psicanálise", organizado por Ana Costa e Doris Rinaldi (2011), resgata-se o entendimento de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, mas cujos pontos de ancoragem dependem de marcas de inscrição indelévels — traços que fixam e organizam o campo pulsional do sujeito.

Lacan, em seu retorno a Freud, avança do conceito de significante para o conceito de letra. Enquanto o significante se define pela diferença e remete sempre a outro significante em uma cadeia infinita de sentido, a letra é o elemento material, o traço que resta quando o sentido se esgota. Como demonstra Lacan em "Lituraterra" (2003), a letra não é o significante, mas a sua borda, sua orla — aquilo que do significante se inscreve no real. A letra toca o real justamente porque não é da ordem do sentido, mas do traço.

Como afirmam Costa e Rinaldi (2011), a escrita na experiência analítica não se reduz ao ato gráfico de transcrever a fala, mas refere-se à produção de marcas que delimitam o gozo. A análise opera, portanto, em um nível que ultrapassa o da interpretação semântica: ela visa à inscrição de uma letra que contorne e circunscreva aquilo que do real do sujeito permanecia disperso e sem borda.

A letra não é o significante. Ela é o que, do significante, se deposita no real. O inconsciente não é a questão de um ser, mas de uma relação — relação do sujeito com o significante que o representa. Mas a letra é o que fixa essa relação, o que dela faz traço. (LACAN, 2003, p. 15).

O sintoma, em termos psicanalíticos, é uma escrita na carne ou no comportamento do sujeito — uma escrita enigmática que aguarda decifração. Na clínica contemporânea, contudo, os sintomas decorrentes da hiperconectividade chegam frequentemente desprovidos de uma dimensão metafórica. São sintomas "desenraizados" da cadeia associativa: o sujeito não sabe o que diz através de sua insônia ou de sua compulsão digital; ele apenas padece do circuito pulsional fechado.

A aposta da análise reside na possibilidade de fazer o sujeito passar do "sintoma-evento de corpo" para a produção de uma escrita singular. Ao falar de seu sofrimento na transferência, o analisando começa a bordar o vazio do real, recortando o excesso de ruído tecnológico para fixar, na letra, o que há de mais próprio em sua divisão subjetiva. Nesse processo, o sofrimento difuso e impessoal começa a adquirir contornos singulares — torna-se, enfim, a letra de um sujeito.

3.3 DA DISPERSÃO VIRTUAL À LETRA DO SUJEITO: CAMINHOS CLÍNICOS

Como operar clinicamente quando o Outro da cultura se apresenta como uma rede horizontalizada e algorítmica? O analista é convocado a sustentar a função de corte. Onde o ambiente digital oferece respostas prontas e fluxos infinitos — o interminável scrolling das redes —, o dispositivo analítico introduz a pausa, o silêncio e o equívoco significante. O tempo lógico que a análise propõe é radicalmente heterogêneo ao tempo do algoritmo.

A transformação do mal-estar coletivo na "letra do sujeito" supõe um trabalho de poetização e historização. A hiperconectividade aplanar a história individual sob a urgência de um presente perpétuo, apagando a dimensão do *après-coup* freudiano — a retroação pela qual os eventos do passado recebem seu sentido a partir do presente. Escrever o sintoma significa reinscrever a dimensão do tempo e do trauma no tecido da linguagem, restituindo ao sujeito a possibilidade de ser autor de sua própria história.

O quadro abaixo sintetiza o contraste entre as dinâmicas da lógica hiperconectada e as coordenadas da escrita analítica, evidenciando a natureza do trabalho que a clínica psicanalítica propõe frente ao imperativo tecnológico:

Dimensão Subjetiva	A Lógica da Hiperconectividade	A Lógica da Escrita Analítica
Tempo	Imediatismo, aceleração e feed contínuo	Tempo lógico, corte e <i>après-coup</i> (só-depois)
Objeto	Consumo do objeto tecnológico (mais-de-gozar)	Circunscrição da falta (objeto "a" como causa)
Sintoma	Atuação, descarga pulsional e diagnóstico genérico	Decifração, singularidade e amarração sintomática
Linguagem	Saturação de imagens e enunciados imperativos	Produção da letra, enigma e valorização do silêncio

Quadro 1 — Contraste entre a lógica da hiperconectividade e a lógica da escrita analítica.

A escrita produzida no espaço analítico desfaz a massificação dos diagnósticos contemporâneos. Quando o sujeito consegue extrair de seu sofrimento difuso uma formulação única, ele opera uma amarração semelhante à descrita por Lacan em seu estudo sobre James Joyce e o conceito de *Sinthome* (LACAN, 2007). O *sinthome*, conceito lacaniano que ultrapassa o sintoma no sentido clássico, designa o modo singular pelo qual um sujeito inventa uma solução para o não-todo da estrutura — uma solução que não é cura no sentido médico, mas invenção de um modo de ser no mundo.

Joyce, segundo Lacan, utilizou a escrita literária como o nó que amarrava os três registros — Real, Simbólico e Imaginário — suprimindo a forclusão do Nome-do-Pai. A escrita joyceana não comunica, não relata: ela instala uma letra, produz uma marca singular. Na clínica, o que se

busca é algo análogo: não a eliminação do sintoma por protocolos de otimização humana, mas o reconhecimento do sintoma como a invenção singular com a qual o sujeito se sustenta no mundo.

3.4 PULSÃO DE MORTE, ALGORITMO E A REPETIÇÃO CONTEMPORÂNEA

Em "Além do Princípio do Prazer" (1920/2016), Freud introduz o conceito de pulsão de morte como compulsão à repetição — tendência do aparelho psíquico a retornar a estados anteriores, a refazer os traumas na tentativa de dominá-los, ainda que essa repetição implique sofrimento. A interface com o fenômeno da hiperconectividade é sugestiva: o sujeito contemporâneo repete compulsivamente o gesto de verificar as redes sociais, de rolar o feed, de buscar novas notificações, não porque encontre satisfação plena nessa ação, mas porque a repetição mesma é o modo pelo qual o circuito pulsional funciona.

O design das plataformas digitais, engenhado para maximizar o tempo de engajamento, capitaliza precisamente essa dimensão compulsiva da pulsão. Os algoritmos funcionam como uma maquinaria que alimenta o circuito repetitivo sem jamais permitir que ele encontre um ponto de fechamento satisfatório. Cada notificação é uma isca que promete a completude e entrega apenas mais um passo na cadeia da repetição.

Nesse sentido, o algoritmo das redes sociais pode ser compreendido como um Outro que não falta — uma caricatura perfeita do imperativo de gozo que Lacan identificava como característico do discurso capitalista. Esse Outro algorítmico não é barrado, não tem lacunas; ele oferece sempre mais, nunca dizendo não. A consequência clínica é a erosão da função do desejo: onde não há falta, não há desejo; onde não há desejo, o sujeito subsiste apenas como consumidor de estímulos.

A saída analítica passa, portanto, por reinstaurar a dimensão da falta como condição de desejo. Isso não equivale a uma apologética do sofrimento ou a uma recusa da tecnologia, mas ao reconhecimento de que o sujeito só emerge como tal quando se depara com os limites — com o impossível que o desejo circunscreve. A escuta psicanalítica, ao introduzir o silêncio, a pausa e a

pergunta que não responde, inscreve uma falta que o algoritmo, por construção, não pode inscrever.

3.5 A ÉTICA PSICANALÍTICA FRENTE À CULTURA DIGITAL

A ética da psicanálise, tal como formulada por Lacan no Seminário 7 (1959-1960), não é a ética do bem-estar nem a da adaptação social, mas a ética do desejo: "não ceder quanto ao seu desejo". Essa máxima adquire uma pertinência renovada na era digital. O imperativo das redes — "goza!", "compartilha!", "seja visto!" — é exatamente o oposto: ele convida ao abandono do desejo em favor da satisfação imediata e do gozo padronizado.

A clínica psicanalítica contemporânea é, portanto, um espaço de resistência ética. Não se trata de uma resistência nostálgica ou reacionária, que nega as transformações culturais. Trata-se, ao contrário, de uma resistência subjetiva: a insistência em que cada sujeito é singular, que seu sofrimento não é redutível a uma categoria nosográfica ou a um protocolo de tratamento, que sua história e sua letra lhe pertencem.

Nesse sentido, a psicanálise oferece um contraponto ético fundamental não apenas no nível do consultório, mas no nível do laço social. Ao sustentar a dimensão do sujeito do inconsciente — sujeito que excede qualquer categoria, que surpreende a si mesmo, que porta um saber que não sabe —, a psicanálise afirma que o humano não se reduz a dados, a métricas de engajamento, a perfis algorítmicos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hiperconectividade, enquanto imperativo sociocultural da modernidade tardia, gera um mal-estar caracterizado pela exaustão e pelo curto-circuito da subjetividade nas malhas da imagem e do consumo. O percurso teórico-clínico delineado neste artigo demonstra que a psicanálise mantém firme sua aposta na potência do sujeito do inconsciente, mesmo — e sobretudo —

quando as condições culturais conspiram para sua diluição.

O retorno às formulações freudianas sobre o mal-estar na cultura permitiu evidenciar que a angústia contemporânea não deriva mais, primariamente, da repressão pulsional imposta pela civilização, mas do imperativo ao gozo irrestrito que o capitalismo digital instituiu. O sujeito hiperconectado não sofre de interdição, mas de saturação; não de proibição, mas de excesso. Essa inversão estrutural exige que a psicanálise renove suas ferramentas teóricas sem abandonar seus fundamentos.

A releitura lacaniana do conceito de letra demonstrou que a escrita não é mero instrumento de comunicação, mas topologia que contorna o real. Enquanto o algoritmo promete obturar a falta com um fluxo infundável de objetos de gozo, a letra analítica opera na direção oposta: ela fixa, delimita, circunscreve. Ela transforma o ruído em traço, a descarga em inscrição, o sintoma mudo e massificado em uma escrita singular do sujeito.

Conclui-se, portanto, que longe de se isolar das transformações tecnológicas, a escuta psicanalítica propõe um contraponto ético fundamental. Diante da dispersão provocada pelo fluxo algorítmico, a clínica convida o sujeito a habitar sua falta e a produzir, a partir dos destroços do mal-estar contemporâneo, uma letra própria. Ao transformar o sintoma mudo e massificado em uma escrita singular, o sujeito desliga-se do circuito alienante da hipertela para inscrever-se, verdadeiramente, como autor de seu próprio desejo.

Como horizonte para futuras pesquisas, aponta-se a necessidade de estudos clínicos que documentem casos de sujeitos cujo sofrimento se manifesta predominantemente na interface com o digital, bem como investigações sobre as possibilidades e limitações da clínica analítica realizada por meios telemáticos — questão que a pandemia de COVID-19 trouxe à urgência e que a teoria psicanalítica ainda não respondeu de forma suficiente.

REFERÊNCIAS

COSTA, Ana; RINALDI, Doris (Orgs.). Escrita e psicanálise. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2011.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2016.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura (1930). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LACAN, Jacques. Lituraterra. In: _____. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 23: o sinthoma (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.